

PIONEIROS



Raimundo Albuquerque de Pinho

Apesar das dificuldades, a busca por um sonho

Arquivo pessoal

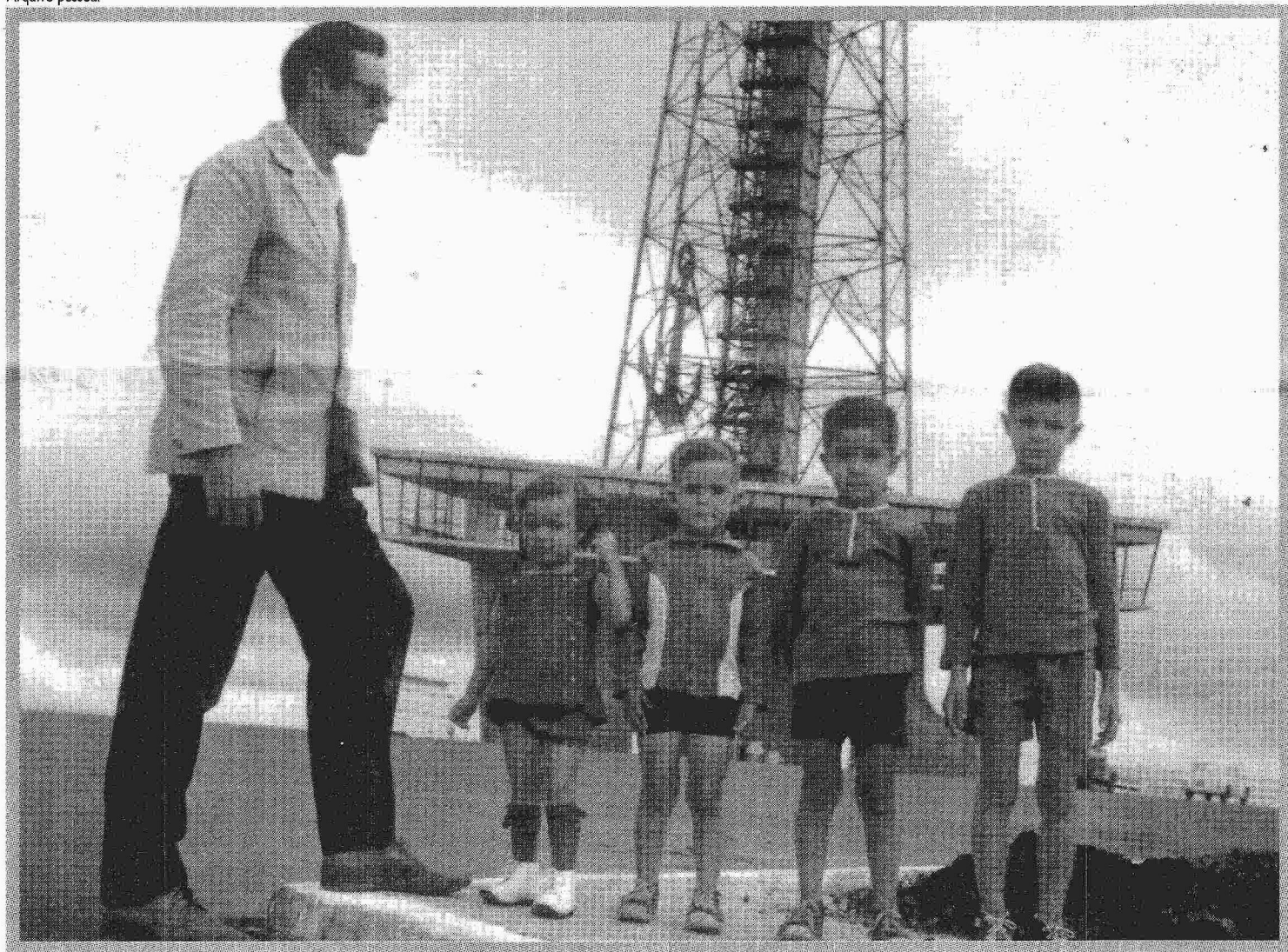
STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A mudança para Brasília foi um sonho e ao mesmo tempo um desafio para o jovem cearense Raimundo Albuquerque de Pinho. A primeira vez que ele ouviu falar na cidade foi da boca do próprio Juscelino, em 1958. O presidente foi ao Ceará visitar as obras da Rodovia 020, que ligava Fortaleza ao Centro do país. O momento foi inesquecível. Ele nunca havia visto um presidente da República. "Foi também a primeira vez que vi um presidente chorar", garante o morador de Madalena — cidadezinha do sertão cearense —, que assistia a tudo de pertinho. "Os olhos de Juscelino Kubitschek encheram-se de lágrimas ao ver a miséria das famílias do sertão nordestino e que não tinham o que comer."

A afeição por JK e a paixão por Brasília nasciam naquele momento. Para completar, pouco tempo depois veio parar em suas mãos a revista *Manchete* que exibía na capa, em letras garrafais, a notícia sobre a construção da cidade, o que acabou empolgando ainda mais o cearense. "Ergue-se a cruz no Planalto", dizia a revista. A foto do sacerdote D. Carlos Carmello de Vasconcelos junto aos fiéis e alguns índios pendurados nas árvores do cerrado chamou a atenção de Raimundo. "Aquilo não saiu mais de minha cabeça", afirma.

No dia 7 de junho de 1959, decidido a se embrenhar pelo cerrado e a bordo de uma caminhone-



nete, ele seguiu de carona de Madalena para Fortaleza, onde apanhou um ônibus que o levou até Divisa Alegre, no interior da Bahia. Meio sem rumo, teve de pedir ajuda aos moradores, que se mostravam alheios à construção da nova capital. Raimundo perguntava aos moradores que estrada levava para Brasília. "Muitos respondiam questionando se

Brasília era uma mulher", lembra o visitante. O jeito foi pegar o mesmo ônibus que o trouxe de Fortaleza e que o obrigou a descer em Governador Valadares, porque tinha como destino a cidade do Rio de Janeiro.

Do Vale do Aço, o sapateiro seguiu viagem num trem até Belo Horizonte. Para sua decepção, não havia ônibus para Brasília de-

vido às más condições das estradas e dos longos trechos ainda em construção. Mas a sorte estava ao lado do pioneiro, que acabou pegando carona num caminhão lotado de tambores de asfalto que seguia em direção ao cerrado. "Eram sete caminhões, mas só iam até Paracatu. De lá tive que pegar carona até o balão do aeroporto", recorda Raimundo.

COM QUATRO DOS DEZ
FILHOS EM VISITA À
TORRE DE TV

A surpresa da chegada

A cidade que ele sonhava conhecer não tinha nada a ver com aquela estampada na revista. O esqueleto metálico dos primeiros ministérios e o Congresso Nacional se erguiam juntos à poeira do

PIONEIROS

Ele veio para Brasília em 1959, achando que a cidade já estava construída. Apesar da poeira e da impressão ruim, trouxe a amada e formou família.

A SATISFAÇÃO DE
VIVER NA CIDADE É
COMPARTILHADA
COM SUA
NUMEROSA FAMÍLIA



cerrado. Foi tudo o que ele viu ao descer do caminhão. “Foi um tremendo engano. A revista havia mostrado uma maquete do que seria a cidade. Na realidade não havia nada daquilo”, conta.

A surpresa da chegada foi quase uma decepção. “Era esta a Brasília com a qual eu havia sonhado e que agora começava a conhecer e teria que me familiarizar. E não a cidade cheia de prédios suntuosos da reportagem”, descreve o escritor em um de seus livros.

Longe de casa, dos amigos e da família, o jeito foi se aboletar na Pensão do Português, na Terceira Avenida da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). O aglomerado de barracos, construídos em tábuas, o frio e a solidão do local faziam aumentar ainda mais a saudade do Ceará. “Entre para o quarto que me havia sido reservado e senti rolar as lágrimas mais amargas e quentes que já me banharam o rosto”, conta o pioneiro.

Do lado de fora, os alto-falantes na avenida avisavam da necessidade de mão-de-obra para o trabalho. “Precisa-se de cem serventes”, ou “precisa-se com urgência de 20 motoristas”, anunciavam. Foi assim que Raimundo ingressou nas obras. Rapidamente ele se apresentou ao Departamento de Viação e Obras da Novacap, na Candangolândia. Seis dias após sua chegada ao cerrado, já era fichado como auxiliar de laboratorista de solos e asfalto.

O ritmo de trabalho era intenso. Raimundo trabalhava de segunda a sábado, dia e noite. Em compensação, tinha comida e transporte de graça. Conforto nenhum. O banho gelado fazia aumentar ainda mais a sensação de frio. Depois de passar quinze

dias na Pensão do Português, o pioneiro foi morar na Candangolândia. A luz elétrica era uma novidade que se contrastava com a poeira e a rusticidade do cerrado.

Trabalho e glamour

A promoção de auxiliar para laboratorista de solos e asfalto numa firma responsável pela terraplanagem e pavimentação do aeroporto trouxe estabilidade ao desbravador. “Pedi seis dias de licença e fui pra Madalena buscar minha amada”, conta Raimundo. Voltou casado e bem disposto a começar uma nova vida, ao lado da esposa Terezinha.

A vida a dois lhe rendeu dez filhos e uma grande admiração por Brasília. “Na verdade foi a Terezinha que me fez gostar de Brasília, pois tive muita dificuldade de me adaptar à cidade, apesar de ter morado um longo tempo no interior de São Paulo e do Paraná”, afirma.

Os cajueiros do Planalto Central não eram tão frondosos como os do Ceará, mas os cajus, nas mãos prendadas da esposa, rendiam doces deliciosos. “A Terezinha fazia o melhor doce do mundo com aqueles frutos”, lembra Raimundo, que algumas vezes chegou a dividir a colheita de cajus com algumas

“
ERA ESTA A
BRASÍLIA COM A
QUAL EU HAVIA
SONHADO E QUE
AGORA COMEÇAVA
A CONHECER E
TERIA QUE ME
FAMILIARIZAR. E
NÃO A CIDADE
CHEIA DE PRÉDIOS
SUNTUOSOS DA
REPORTAGEM”

emas nas proximidades do Palácio do Buriti.

O jardim, em volta da casa, cultivado pelo casal, era comparado a um paraíso. Sob o luar do

céu de Brasília, Raimundo e Terezinha aguardavam ansiosos pela chegada do primeiro dos dez filhos, Juscelino, assim chamado em homenagem ao presidente.

Algumas lembranças vão ficar para sempre na memória do pioneiro, como a chegada de personalidades à nova capital, enquanto trabalhava nas proximidades do aeroporto. “Eu vi bem de pertinho a chegada de Iuri Gagarin — primeiro homem a pisar na lua —, do presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, do rei da Etiópia, Haile Selassie, do general Charles De Gaulle, e vi também rapidamente o Che Guevara”, lembra Raimundo, que assistiu, por duas vezes, à chegada emocionada da Seleção Brasileira. Os olhos do ex-sapateiro atentavam sempre para o traje e os pés dos visitantes, quase sempre de solado grosso.

Como os jornais sempre noticiavam a chegada de gente importante à cidade, ele se posicionava no melhor lugar para não perder nada. “Para nós, que trabalhávamos na construção do aeroporto, era a janela por onde víamos com grande curiosidade aqueles mitos ou monstros sagrados da história, antes apenas vistos pelos jornais e revistas”, conta o escritor.

Raio X

Nome:

Raimundo Albuquerque de Pinho

Idade:

73 anos

Origem:

Madalena, Ceará

Ano de chegada a Brasília:

1959

Profissão:

Funcionário público aposentado e escritor

Esposa:

Terezinha Teixeira Albuquerque

Filhos:

Juscelino, Francisco, Sérgio, Marcelo, Marcílio, Simão, Alexandre, Francisca, Nara e Neusa

Netos:

Felipe, Caio André, Kin Rafael, Leonardo, Vinícius, Sabrina, Bárbara, Andressa, Luana, Camila, Marcela e Matheus